



EDUCAÇÃO E TELEVISÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO E A EMANCIPAÇÃO HUMANA A PARTIR DA METODOLOGIA FREIRIANA



IV SICCAL

[GT4 - METODOLOGIAS DE PESQUISA PARTICIPATIVAS E PESQUISA EM MOVIMENTOS SOCIAIS]

Rafael Bertoldi dos Santos

Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)

Jaqueline Maissiat

Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

À educação impende fomentar a formação e a autonomia intelectual do sujeito que, por sua vez, poderá intervir de maneira crítica sobre a realidade. Nesta perspectiva, temos como objetivo pensar uma metodologia de trabalho de ensino reflexivo entre professores e alunos do Ensino Médio, em ambientes de aprendizagem, a partir da criticidade sobre a produção da TV e seus indicadores sociais. Resultados parciais apontam a necessidade de aprofundamento, tanto em relação à formação desse espectador, quanto às ferramentas de persuasão televisivas. Concluimos, por ora, a importância de desmistificar a universalidade das narrativas da TV numa perspectiva contra-hegemônica, que se concretizará numa formação de professores, onde será produzido e validado, coletivamente, um produto educacional.

Palavras-chave: Educação. Televisão. Emancipação humana. Metodologia Freiriana.

Education implies fostering the formation and the intellectual autonomy of the subject who, in turn, can intervene in a critical way about reality. In this perspective, we aim to think a methodology of reflexive teaching work among teachers and students of High School in learning environments, based on the criticality of TV production and its social indicators. Partial results point to the need for deepening, both in relation to the formation of this spectator, and the tools of television persuasion. We conclude, for the moment, the importance of demystifying the universality of TV narratives in a counter-hegemonic perspective, which will take the form of teacher training, where an educational product will be produced and validated collectively.

Keywords: Education. Television. Human emancipation. Freirean Methodology.

A la educación se pretende fomentar la formación y la autonomía intelectual del sujeto que, a su vez, podrá intervenir de manera crítica sobre la realidad. En esta perspectiva, tenemos como objetivo pensar una metodología de trabajo de enseñanza reflexiva entre profesores y alumnos de la Enseñanza Media, en ambientes de aprendizaje, a partir de la criticidad sobre la producción de la TV y sus indicadores sociales. Los resultados parciales apuntan a la necesidad de profundización, tanto en relación a la formación de ese espectador, como a las herramientas de persuasión televisivas. Concluimos, por ahora, la importancia de desmitificar la universalidad de las narrativas de la TV en una perspectiva contrahegemónica, que se concretar en una formación de profesores, donde será producido y validado, colectivamente, un producto educativo.

Palabras clave: Educación. Televisión. Emancipación humana. Metodologia Freiriana.

Introdução

O presente artigo trata da televisão, que é caracterizada como um típico produto capitalista, um clássico meio de comunicação de massa que visa o consumo e o lucro. Está dentro da máquina. Seu impacto na nossa sociedade deve ser considerado em relação a muitos aspectos, mas aqui destacamos o campo da educação. Aqui traremos uma proposta educativa associada ao consumo televisivo, numa perspectiva freiriana. Os meios de comunicação de massa, em especial a televisão, foram e são empregados como instrumentos de opressão e alienação, mas apesar disso eles também podem ser compreendidos numa perspectiva contra-hegemônica, podendo adquirir sentido mais amplo num contexto de comunicação dialógica.

Através da sua linguagem produz e reproduz discursos culturais e simbólicos que beneficiam, quase que em sua totalidade, a burguesia, que se mantém hegemônica, graças à reprodução quase irrefreável da pobreza e das desigualdades sociais. Essa manobra vê possibilidades por conta da alienação social, fomentada pelos meios de comunicação, que cumprem seu papel de direcionar o rumo da sociedade, ou pelo menos, de uma boa parcela dela, fazendo com que os sujeitos se distanciem da realidade e passem a perceber o mundo de forma abstrata e distorcida, por isto da relevância da leitura crítica dos conteúdos televisivos por parte de quem os consome.

Mostra-se, portanto, oportuno o aprofundamento teórico do conhecimento historicamente acumulado acerca do capitalismo, para assim chegar à televisão

(mídia, e não aparelho/objeto). Partindo dessa análise crítica refletiremos os seus fundamentos básicos sobre luta de classes e o conceito basilar de Marx, o materialismo histórico-dialético, que evidencia que as relações sociais são inteiramente interligadas às forças produtivas. Nesse viés se coloca a própria tecnologia, pois os homens modificam o seu modo de produção, sua maneira de ganhar a vida, e, consequentemente, modificam suas relações sociais.

Se faz necessário então ir além da aparência fenomênica, imediata e empírica, buscando a essência dessa produção televisiva. Encontramos então no método de pesquisa participante, que de acordo com Demo (1984) “[...] é possível e até necessária, [...] porque entendo, metodologicamente, que a prática faça parte do conhecimento das Ciências Sociais. [...]” (p.13), demonstra ser uma ferramenta eficiente, pois por intermédio dela a produção do conhecimento não se faz de modo isolado do sujeito, mas em sua presença, implicando num compromisso efetivo com as vivências e necessidades sociais cotidianas. Numa perspectiva de análise teórica e crítica da produção material da vida social, tal método enriquece o conhecimento teórico, pois parte da aparência, e visa alcançar a essência desse objeto.

Dessa forma realçamos ainda mais a importância da televisão como ferramenta educacional e informativa, capaz de provocar reflexões em vários campos sociais, contribuindo positivamente na formação de uma sociedade mais igualitária e compreensiva.

A televisão é indissociável do mundo social humano e produz um efeito sobre ele, que ora procuraremos clarificar e apontar suas possíveis contribuições nesse

mesmo mundo social. Desconstruir e perceber tais efeitos (ou pelo menos parte deles) é chave desse artigo, que buscará estimular e expandir a compreensão por parte dos professores, e conseqüentemente de seus alunos, de modo a estimular o reconhecimento, o pensamento e a reflexão de como e porque determinadas práticas são expostas pela televisão e de que forma são absorvidas por eles (parte desse todo que é a sociedade). O desafio é chamar a atenção de professores para que propiciem aos seus alunos desenvolver habilidades para sua formação crítica e reflexiva, permitindo a expressão das múltiplas inteligências e próprias percepções. Entendemos que interesses comerciais das emissoras devam andar lado a lado com os interesses de seu público, assumindo verdadeiramente sua responsabilidade como meio de comunicação comprometido com a formação social, cultural e educacional de seus espectadores. O objeto de estudo do artigo é a televisão e a problematização de parte de sua produção no que concerne às representações sociais (corpos, relações de gênero, classe, modelo eurocêntrico, heteronormatividade e outros marcadores). Essa mídia está presente em quase todos os domicílios do país e mostra a importância desse veículo para a formação da sociedade brasileira. De tal modo a televisão (e sua representação da realidade concreta), que funciona em rede, faz parte dessa sociedade, que por sua vez precisa ser entendida como um todo, descartando a hipótese da compreensão do sujeito com ser isolado.

Dados de 2016 do IBGE, especificamente do PNADC – Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua –, em seu caderno suplementar referente à Tecnologia da Informação e Comunicação – TIC –,

mostram que 97,2% dos lares brasileiros têm televisão. Destes, o serviço de televisão por assinatura era utilizado em apenas 33,7% dos domicílios. O preço do serviço de televisão por assinatura foi o fator determinante mais frequente para não o adquirir. Constatou-se que havia microcomputador em 45,3% dos domicílios. Já o acesso à internet gira em torno de 64,7% da população com mais de 10 anos, que realiza o acesso, na maioria das vezes, por meio de telefone celular. Constatamos que ainda há uma discrepância enorme entre acesso à televisão aberta e à internet em nosso país. Isso nos diz que o acesso à internet ainda não deixou de ser seletivo a quem pode pagar pelo serviço.

Segundo a pesquisa brasileira de mídia de 2016, a televisão ainda se mostra forte em todo o país e é o meio de comunicação mais utilizado pelos brasileiros. Mais de 75% dos brasileiros assistem televisão todos os dias da semana, sendo que o acesso é mais frequente entre segunda e sexta-feira, e o tempo médio de acesso supera três horas diárias. As emissoras de televisão aberta são as mais assistidas, principalmente a Rede Globo.

Isto reafirma a importância de buscarmos formas de provocar e potencializar o pensamento, vislumbrando de que forma ela pode contribuir para a educação, num viés de uma educação para o conteúdo televisivo aberto, por meio do diálogo entre os atores sociais - professores e por consequência seus alunos -, estimular e potencializar a leitura crítica das imagens, ou seja, da televisão, e conseqüentemente utilizá-la como ferramenta na formação, emancipação e na libertação dos sujeitos. É necessário então que o educador, compreenda como se opera o discurso e a linguagem televisiva.

A seguir, faremos uma proposição de reflexão tendo a perspectiva freiriana como certa para a análise reflexiva da mensagem televisiva.

Paulo Freire e televisão

O objetivo de nosso artigo é propor reflexão e debate acerca da produção televisiva e seus indicadores sociais, no contexto escolar, que possa conduzir a uma postura crítica por parte sujeito/espectador numa perspectiva freiriana, tanto em relação à formação desse espectador quanto em relação às ferramentas de persuasão televisivas. Nosso principal referencial teórico, que orienta e fundamenta o debate em questão, é Paulo Freire e a sua pedagogia libertadora. A opção por essa corrente pedagógica decorre de que a mesma compreende a educação como processo de humanização, emancipação e, conseqüentemente, libertação dos sujeitos.

Partiremos da ideia clara de que os meios de comunicação, mais especificamente a televisão, fruto capitalista, é um dos caminhos de conhecimento para o que acontece no mundo (a maior parte do nosso conhecimento é indireto, não testemunhal). Assim Moran (1994) explica:

Por isso convém partir da nossa experiência informativa, da nossa percepção dos meios para, através de análises comparativas de vários tipos de informações, poder chegar e compreender o contexto da informação, como está organizada, que visões passa da realidade (MORAN, 1994, p. 45).

E falando especificamente sobre telenovela, Médola e Redondo observam:

A telenovela [...] permeia hoje listas de discussão, fóruns, assuntos debatidos em chats, blogs de autores e personagens, jogos, galeria de fotos e vídeos na internet [...] e matérias produzidas para diversos meios: tudo o que será direcionado para um único suporte multimídia, a TV digital (MÉDOLA e REDONDO, 2010, apud RIBEIRO, SACRAMENTO e ROXO, 2010, p. 318).

Dessa forma compreende-se que o fenômeno mais importante ligado à telenovela é a repercussão na vida social dos indivíduos a partir da prática de falar da telenovela que é hoje, conhecidamente, um hábito cotidiano brasileiro (JUNQUEIRA, 2009). Por ela estar ligada a esse cotidiano brasileiro, de forma indissolúvel, criou-se uma via de mão dupla, na qual a televisão reflete a sociedade e vice-versa.

A televisão, é um instrumento de construção dos valores sociais, tais como a cidadania, solidariedade, os interesses coletivos e a expressão de minorias excluídas (entende-se por indivíduos sem reconhecida vontade e desejo próprio, abafados pela sociedade opressora). Freire e Guimarães (2013), em sua obra *Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação*, afirmam que nunca desconsideraram a televisão quando pensaram em educação. Nessa linha pensamos a televisão como ferramenta educacional e informativa, capaz de provocar reflexões em vários campos sociais, contribuindo positivamente na formação de uma sociedade mais igualitária e compreensiva. Mesmo que os interesses comerciais das emissoras nem sempre andam lado a lado

com os interesses do público, podemos utilizá-la verdadeiramente como ferramenta capaz de contribuir com a formação social, cultural e educacional de seus espectadores.

Paulo Freire e a pesquisa participante

Barros e Lehfel (1991) referem-se à pesquisa como procedimento sistemático e intensivo, que tem por objetivo descobrir e interpretar os fatos que estão inseridos em uma determinada realidade. Na pesquisa qualitativa, o pesquisador é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas e seu conhecimento será parcial e limitado. Nesse contexto o desenvolvimento da pesquisa sempre será imprevisível.

A pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação.

Para Fonseca (2002), a pesquisa possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar, como um processo

permanentemente inacabado. Ela se processa através de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo subsídios para uma intervenção da realidade. Segundo este autor, a pesquisa científica é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos.

De acordo com as características da pesquisa, poderiam ser escolhidas diferentes modalidades de pesquisa. Para tal elegemos a Pesquisa Participante, pois ela caracteriza-se pelo envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas investigadas. Ao buscar a origem da pesquisa participante, Brandão (1987) sustenta sua análise a partir de duas vertentes: Bronisław Kasper Malinowski, antropólogo polaco, fundador da escola funcionalista, e Karl Heinrich Marx, intelectual e revolucionário alemão. Segundo o autor, foi Malinowski que instituiu a observação participante na pesquisa como elemento inerente a essa proposta. A afirmação de Brandão pauta-se nos registros contidos no diário de campo do antropólogo, que escreveu que seu método de trabalho pressupunha a convivência com os nativos e a proximidade com seus estilos de vida.

Na pesquisa participante a produção do conhecimento não se faz de modo isolado do sujeito, mas em sua presença, e implica num compromisso efetivo com suas vivências e necessidades sociais cotidianas. Dessa forma a produção do conhecimento nesse campo orienta-se por uma direção social contra-hegemônica, implicando num compromisso histórico com as demandas de grupos e comunidades populares.

O referido método comporta uma dimensão ontológica crítica no processo de

produção de conhecimento, na medida em que busca denunciar e anunciar as contradições existentes na sociedade capitalista, as suas formas históricas de desigualdade social, tornando conhecida a versão dos sujeitos comuns e abrindo espaço para que estes participem dessa produção.

Para Thiollent (1984), a pesquisa participante com teor crítico surge em oposição à pesquisa convencional, sustentada historicamente em princípios fundamentados no positivismo sociológico. Na abordagem positivista, a sociedade regula-se por leis naturais, invariáveis e independentes da ação humana, e nela reina uma harmonia semelhante à da natureza, ou seja, uma harmonia natural.

Paulo Freire tem papel fundamental na formulação das condições teóricas da pesquisa participante e, simultaneamente, na América Latina, o sociológico colombiano Orlando Fals Borda. Freire introduz a ideia de que a pesquisa deve servir aos sujeitos envolvidos, propondo com isso o estabelecimento de uma relação de horizontalidade. A pesquisa participante requer uma opção relacionada à cumplicidade entre pesquisador e sujeito pesquisado; para realizá-la, é necessário ter como ponto de partida a clareza de que os sujeitos podem efetivamente ser parceiros, contribuindo para a construção do conhecimento no espaço da pesquisa. Essa opção contrapõe-se à ideia de que os sujeitos são meros informantes, cuja participação se reduz à tão somente transmissão de informações.

A pesquisa participante tem o objetivo de transformar a realidade social e melhorar o nível de vida das pessoas que estão inseridas nessa realidade. Tal processo pode

criar nos sujeitos uma consciência maior de seus recursos propiciando uma confiança maior em si mesmas.

A metodologia de ensino freiriana

Paulo Freire é considerado um dos maiores educadores mundiais, responsável em marcar o pensamento pedagógico do século XX. Sua contribuição à teoria dialética do conhecimento nos faz compreender que a melhor maneira de refletir é pensar a prática e retornar a ela para transformá-la. Portanto, pensar o concreto, a realidade, e não pensar pensamentos. Ele nos diz que através da educação, devemos fomentar a formação e a autonomia intelectual do cidadão, que por sua vez deverá intervir sobre a realidade de forma consciente. Por isso, para ele, a educação não é neutra, sempre será um ato político.

Sua obra é voltada para uma teoria do conhecimento aplicada à educação, sustentada por uma concepção dialética onde o educador e educando aprendem juntos numa relação dinâmica na qual a prática, orientada pela teoria, reorienta essa teoria, num constante processo de constante aperfeiçoamento.

A Educação Libertadora de Paulo Freire encara a realidade como algo mutável, em constante movimento, sendo assim não se pode reduzir o grupo com quem se trabalha a um mero objeto de aplicação do método. Assim se faz necessária a inclusão da figura do professor com a do aluno, sendo fundamental o conhecimento

prévio daquela realidade. Isso só é possível quando os pesquisadores se alinham ao nível dessa realidade, deixando de lado o elitismo, numa prova de crédito ao povo, mesmo reconhecendo suas deficiências. Dessa forma os professores poderão ter embasamento suficiente para prover um novo conhecimento.

Na perspectiva libertadora a pesquisa é um ato de conhecimento, pois tanto os sujeitos pesquisados como os pesquisadores profissionais se cruzam com a realidade concreta e conseqüentemente no objeto a ser desvelado, nesse caso a televisão. Paulo Freire afirma que nesse modo de fazer pesquisa, o pesquisador educa e é educado com aquele determinado grupo de pesquisados num permanente e dinâmico movimento (FREIRE, 1983).

Nesse sentido, Brandão nos diz que é imprescindível deixar claro o caráter político da atividade científica, onde o pesquisador tem que ser coerente com sua opção e com sua prática. É necessário o posicionamento claro desse pesquisador, ou seja, contra-hegemônico, que coloque os oprimidos como sujeitos participantes de seu próprio desenvolvimento (BRANDÃO, 1983).

Brandão diz que Paulo Freire nos orienta no sentido de que uma situação muda em relação a outra, de um tempo para outro, e que sempre é possível criar, recriar e ajustar em seu método, inovando os instrumentos e procedimentos de trabalho. Nesse viés a pesquisa deve ser um ato criativo e não um ato de consumo (BRANDÃO, 1981).

Voltamos então à Pesquisa Participante de Brandão, que nesse momento se entrelaça com a Educação Libertadora de Paulo

Freire, pois a mesma, inicialmente, desenvolveu-se no âmbito educacional e, no Brasil, Freire foi o precursor desse processo. Seu desenvolvimento se deu com o florescimento das comunidades eclesiais de base, com o movimento sindical, com o surgimento de novos partidos políticos de oposição e com os movimentos sociais ocorridos a partir da década de 1970, culminando com o processo de redemocratização no país.

Segundo Brandão, o método Paulo Freire educa enquanto se constrói, num ambiente coletivo onde se cria e se faz. Essa educação popular, contra-hegemônica, é uma educação que visa a libertação do sujeito oprimido, que por vezes não percebe seus grilhões. De maneira mais humana de ensinar-aprender, tendo o diálogo e o amor como cerne desse processo, Freire demonstra que a educação deve estar a serviço do homem e não contra ele, tentando domesticá-lo para a servidão do capitalismo. Não à toa, seu método foi considerado perigosamente subversivo pelos militares – quando estavam no poder –, pois prega o aprender a saber para o povo, que deveria se manter submisso e passivo aos olhos do governo.

A proposta desse artigo se firma nesse compasso, pois temos consciência de que aprender não é transmitir o saber de quem sabe no suposto vazio de quem não sabe. Que a educação é construída em cima da ideia de diálogo entre educador e educando. Logo o educador sabe que não pode trazer o seu material pronto e dado como acabado. Freire nos lembra que ninguém educa ninguém, e ninguém se educa sozinho, e que a educação deve ser um ato coletivo, solidário, de amor.

Educar é tarefa de troca entre pessoas, então é claro que não existe educador e

educando puros, sem um conhecimento de mundo prévio. Tal debate deve desvelar a vida, e não o contrário.

Proposta para uma possível aplicação das ideias defendidas

Para Brandão, o método freiriano é passível de modificação, reinvenção e adaptação à realidade. Com isso utilizamos como inspiração seu método de alfabetização de adultos, praticado não só no Brasil, mas em vários países do mundo.

Pode-se promover um curso de formação inicial e continuada extensão presencial. A turma seria única, com no máximo quinze professores de Ensino Médio, de disciplinas ligadas ao ensino e Humanidades. As atividades podem ser divididas em dois momentos. No primeiro momento, a turma seria preparada e seriam coletados, através de conversas, os dados iniciais, ou seja, os temas geradores. No segundo momento trabalharíamos com os temas geradores coletados.

1º Momento

Inicialmente é necessário que se deixe claro que o papel do professor formador de outros docentes é orientar e não guiar aquele público. Depois desse esclarecimento, traremos uma contextualização da televisão com a finalidade de chegar à realidade palpável, para em seguida discutir sobre a temática “a serviço de quem e contra quem ela está”. Além disso, questionar quais hábitos transpostos pela televisão esses

sujeitos/professores levam para suas casas? O intuito é vislumbrar, genericamente, qual o impacto da televisão e como ela modifica o universo dessas pessoas. Freire não era contra a tecnologia, pelo contrário, ele fazia questão de frisar que ela era/é um produto advindo do homem, da criatividade humana, por consequência, é passível de análise e crítica dos mesmos.

Sem roteiros pré-determinados, a formação deverá emergir baseada no que a televisão está veiculando naquela ou em outras épocas e quais questões esses sujeitos/professores poderão trazer. Dessa forma pode-se construir um repertório próprio de símbolos, que já será o início do aprendizado propriamente dito. Esse esforço inicial deve ser feito com cuidado, pois seu intuito é diminuir a diferença entre aquele professor formador e seus professores formandos, pois é preciso fugir da imagem que se funda na diferença entre esses dois entes.

O formador precisa ter em mente é que os professores que participarão da formação não são objetos de uma realidade neutra. Esse esforço inicial de desvelar os mundos de cada participante, é de trazer à tona os temas relevantes, baseado no que a televisão está veiculando naquela ou em outras épocas. Através desse diálogo, o intuito é poder enxergar esse mundo imediato desses professores, que são configurados pelos seus respectivos repertórios.

Nesse aprendizado inicial coletivo, o passo seguinte virá com a leitura dessa realidade, dos problemas, dos modos de ver e viver, ou seja, procurar desvendar o imaginário dos participantes. A partir desse contato inicial, dos temas relevantes sendo tratados, colhidos dentro da formação, os

sujeitos poderão ser conhecidos, ou seja, já será produzido o material inicial da pesquisa.

Esses temas relevantes que serão abordados, não serão só um instrumento de leitura da realidade, serão também um instrumento de releitura da realidade social, das próprias relações entre os sujeitos. Quais temas são ligados diretamente à realidade daquelas pessoas? Vida, trabalho, hábitos, dentre outros. Esses temas poderão ser variados, porém deverão ser comuns a todos ou quase todos os participantes.

Qual será o caráter semântico (o que aqueles temas trazidos representam) e pragmático (qual será teor de conscientização ou conjunto de reações socioculturais que esses temas trarão ao grupo impactado) desses temas trazidos? Quais dificuldades de interpretação daquele tema podem ser observadas? A partir daí procederemos com a explanação progressiva acerca dessas dificuldades. Esses temas relevantes, agora serão tratados como temas geradores e deverão codificar, de alguma forma, o modo de vida desses sujeitos, para serem decodificadas num outro momento.

2º Momento

Ocorrerá a realização de debates que poderão suscitar reflexões acerca do trabalho, da vida, das relações pessoais, das relações de consumo, produção de bens, de como essas pessoas são ou não representadas, das lutas sociais de várias vertentes, da intolerância religiosa, da política, da natureza, das tradições culturais, das relações de poder, do sentimento do mundo, e todos os outros marcadores que estão ligados às relações dos homens. Esses valores, símbolos e ideias que conduzirão os debates

visam uma melhor compreensão do mundo, ou seja, uma tomada de consciência desses sujeitos. Exemplos: 1. A reforma trabalhista noticiada nos telejornais poderia ser classificada na categoria “trabalho”. 2. Uma cena de telenovela, onde um personagem, num determinado contexto, entra numa sala cheia de dinheiro em espécie, pode ser classificada na categoria “política”. Essas categorias estariam sempre envolvendo questões ligadas à alienação e consumo.

Em seguida provoca-se debates mais profundos sobre esses temas trazidos por esses participantes. A intenção desses debates é que os sujeitos atinjam plenamente uma educação funcional acerca do conteúdo debatido buscando libertação através da educação.

Deverão ser suscitados debates acerca dos conteúdos televisivos, tanto dos seus benefícios quanto dos malefícios. Esses debates em grupo tem o intuito de educar, aumentar repertório, desvelar informações antes escondidas. Com a contribuição de todos, aos poucos, as questões deverão ser clarificadas.

Depois desse diálogo e da coleta de todos esses dados, é necessário recorrer a essas imagens propriamente ditas, no sentido de compartilhá-las num momento posterior. Então deve-se eleger as que mais tiveram notoriedade, no sentido de poder possibilitar a apreensão coletiva do que foi previamente debatido. Daí os conceitos deverão ser debatidos a partir delas, como um trabalho político relatado anteriormente.

Assim o professor formador deverá a todo o momento animar os debates orientando uma equipe cuja maior qualidade deverá ser a participação ativa em todos os momentos do diálogo, que é o único método

de estudo nessa formação. O que deve ficar claro é que tudo aquilo que será construído é uma maneira de reafirmar a posição desses sujeitos/professores como homens, como seres de sua história.

O intuito é debater o que é exposto na televisão e trazer à tona alguns de seus mecanismos persuasivos, numa via de democratização de tal conhecimento, sempre priorizando o diálogo como ferramenta de troca e produção de conhecimentos, clarificando que todos os sujeitos são capazes de refletir e criticar o que estão vendo/consumindo, numa força motriz de transformação do mundo, da realidade. O intuito é favorecer uma leitura crítica da imagem televisiva, que é parte da realidade alienante, parte do capitalismo.

Esse esforço conjunto tem a finalidade de tornar os sujeitos conscientes, participantes, parte do movimento do próprio trabalho que será realizado. Este trabalho poderá potencializar a capacidade desses participantes de mudar suas próprias vidas e a sociedade em que vivem, não apenas serem determinados por ela, servindo aos interesses de reprodução de uma ordem dominante. Para Freire é no trabalho com o povo e para o povo que nos tornamos educadores conscientes com a opção revolucionária que proclamamos (BRANDÃO, 1981).

Nesse sentido busca-se um professor liberto, mais humano, um professor renovado, livre de dentro para fora, que possa adotar tais conhecimentos em sua sala de aula. Paulo Freire acredita que o diálogo é a chave das relações das coisas do mundo. Esse diálogo é o próprio amor colocado em ação. Ou seja, nesse viés o professor poderá retomar um fôlego perdido há muito, pelos

motivos expostos no início desse texto. O professor e seu aluno estão nos lugares dos homens oprimidos, que tanto retrata nosso autor. Pela educação, e somente por ela, essa situação poderá se modificar, pois quando a consciência desses sujeitos oprimidos acompanha a prática política da educação popular, eles aprendem a pensar em si, nos outros e no mundo.

Considerações finais

A educação para a televisão, algo aparentemente pequeno, é um instrumento que atua no domínio do saber e na ascensão desses sujeitos oprimidos para sujeitos libertados, e que isso só acontece por intermédio do diálogo, na busca de uma conscientização advinda do processo de transformação do processo de pensar que reflete numa nova compreensão de mundo mais crítica, criativa e comprometida. É preciso estarmos vigilantes com relação às insinuações feitas pela televisão, às vezes ingênuas, mas, por vezes, perversas. Sua interpretação é mister e sua estrutura nunca deverá ser desvinculada da política. Para Freire, educação é um ato político e nesse sentido a educação para a televisão não é fortuita, é necessária.

Diante o exposto optou-se, portanto, em fazer realizar a formação com professores que estão diretamente em sala de aula, auxiliando alunos a se tornarem, além de sujeitos críticos e reflexivos, atuantes na sociedade que lhe impõem uma visão através da mídia televisiva. A leitura crítica da imagem na contemporaneidade, marcada por ela, é imprescindível, aqui destacamos

a televisão pelo seu apelo popular. Por isto, a metodologia da investigação participante se mostrou mais próxima do proposto.

Queremos com esta proposição investigativa contribuir no campo da formação continuada de professores, bem como no da comunicação, tendo em vista o objeto de estudo. ■

[**RAFAEL BERTOLDI DOS SANTOS**]

Pesquisador do TecPrática (Grupo de Pesquisa Tecnologias Digitais e Práticas Pedagógicas) do CEFOR/IFES, mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES).
E-mail: bertoldirafa@yahoo.com.br

[**JAQUELINE MAISSIAT**]

Professora do IFES no Centro de Referência em Formação e em Educação a Distância (CEFOR), onde atua no Mestrado em Ensino de Humanidades e Pós-Graduação em Prática Pedagógica para Professores, participa do Grupo TecPrática (Grupo de Pesquisa Tecnologias Digitais e Práticas Pedagógicas), do Núcleo de Estudos em Subjetivação, Tecnologia e Arte (Nesta/UFRGS). Membro da Associação Brasileira de Educação a Distância e da Sociedade Brasileira de Computação.
E-mail: jaqueline.maissiat@ifes.edu.br

Referências

BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projeto de pesquisa:** propostas metodológicas. Petrópolis: Vozes, 1991.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire.** 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. **Pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **A participação da pesquisa no trabalho popular.** In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). Repensando a pesquisa participante. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua.** Brasília: IBGE, 2018. Disponível em <<https://goo.gl/kwpKAU>> Acesso em 24 jun. 2018.

_____. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016:** hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2016. Disponível em <<https://goo.gl/yFnUoB>> Acesso em 24 jun. 2018.

DEMO, Pedro. **Primeira Exposição:** Pedro Demo. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; CAMPOS, Maria Malta; DEMO, Pedro. Quais as questões básicas, hoje, para um debate sobre pesquisa participante. Em aberto, Brasília, ano 3, n. 20, p. 12-23, abr. 1984.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica.** Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2002.

FREIRE, Paulo. **A máquina está a serviço de quem?** Revista BITS, São Paulo, v. 1, n. 7, p. 6, 2001

_____. **Alfabetização de adultos:** método Paulo Freire. Curitiba: Associação Difusora de Treinamentos e Projetos Pedagógicos (Aditepp), 1987.

_____. **Criando métodos de pesquisa alternativa.** In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Conscientização:** teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3ª edição. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **Educação como prática da liberdade.** 15ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1984.

_____. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 10ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 15ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. 7ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 18ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo e GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia**: novos diálogos sobre educação. Rio de Janeiro: Paz e Terra (Edição Digital), 2013.

JUNQUEIRA, Lília. **Desigualdades Sociais e Telenovelas**: Relações Ocultas entre Ficção e Reconhecimento. São Paulo: Annablume, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAN, José Manuel. **Técnicas para análise da televisão**. Série Idéias, n.9, p. 41-49. São Paulo: FDE, 1994. Disponível em <<http://goo.gl/RkmnrG>> Acesso em 23 jun. 2018.

OLIVEIRA, Dennis de; AMARAL e SILVA, Fabiana Felix. **Metodologias participativas na análise de experiências de movimentos sociais nas periferias latino-americanas**. Revista Extraprensa, São Paulo, v. 11, n. esp., p. 06 – 22, jun. 2018.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; Sacramento, Igor; Roxo; Marco (Org.). **História da televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

THIOLLENT, Michel Jean Marie. **Notas para o debate sobre pesquisa-ação**. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Repensando a pesquisa participante. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.